

REFLEXÕES ELIASIANAS NO ENFRENTAMENTO DA (IN) TOLERÂNCIA CONTRA OS LGBTs

Marcia do Socorro de Albuquerque Oliveira

Resumo

Na sociedade contemporânea, ainda é um desafio a discussão sobre gênero. O extremismo ainda ecoa. Torna-se relevante a conversa permanente sobre a homoafetividade como condição humana. Efetivar políticas inclusivas indica um movimento da laicidade e o protagonismo outsider. O ostracismo vem do medo da (In) tolerância, consequência da visibilidade. Abordar a homossexualidade em tempos atuais é mexer com relações patriarcais onde o não-reconhecimento das diferenças afasta tolerância gerando os conflitos acirrados. O procedimento metodológico é pesquisa bibliográfica, desenvolvida com base em material já elaborado, constituído de livros e com abordagem qualitativa. O avanço conquistado no que tange a abertura para se falar de homossexualidade foi criando campo com o tempo. Hoje em dia fala-se de homofobia, tal substantivo em tempos atrás não havia. O objetivo do presente artigo é fazer uma reflexão sobre o pensamento eliasiano no enfrentamento da (in) tolerância contra os LGBTs. Trazer visibilidade ao tema norteador pela Teoria de Norbert Elias.

Palavras-chave: intolerância; enfrentamento; pensamento eliasiano

INTRODUÇÃO

Com o intuito de fomentar legislações, o termo “homoafetividade” começou a ser utilizado, haja vista que o termo homossexuais não era bem recebido. O reconhecimento das diferenças por Políticas Públicas abre o leque para o processo de igualdade.

A visibilidade da identidade homoafetiva ainda tem barreiras a derrubar, como por exemplo o conservadorismo tradicional que também está presente na ênfase racial, desigualdades, injustiças, discriminação e depreciação moral devido a concepção de ideias normativas.

Com o decorrer do tempo, a visibilidade social e sexual homoafetiva outsiders veio aos poucos desafiando a estrutura do patriarcado estabelecido.

A construção de uma identidade homossexual passa por desafios horizontados com a inclusão social e o reconhecimento das diferenças.

A realidade da orientação sexual é condição humana e configuração da expressão da cidadania homossexual. Para não alimentar essa cadeia de preconceito e discriminação faz-se necessário a interlocutividade na sociedade civil. Os desdobramentos da sexualidade humana revelam-se a heterossexualidade, homossexualidade ou bissexualidade, sendo a homossexualidade advinda de relação entre os biologicamente iguais com identidades construídas social e culturalmente.

O Supremo Tribunal Federal (STF), reconheceu a união homossexual em 2011 mas é válido lembrar que isso não promoveu a tolerância e o preconceito e discriminação ainda permanecem na sociedade tradicional, mas o reconhecimento jurídico trouxe reflexão.

Elias (1998) fala que será difícil compreender o homem em sua totalidade, se primeiro o imaginarmos vagando sozinho pelo mundo e apenas secundariamente adaptando sua conduta à dos outros homens.

Reflexões Eliasianas no Enfrentamento da (In) Tolerância contra os LGBTs

Conforme Elias (2000) os estabelecidos designam grupos ou indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder, um grupo que se autopercebe e que é reconhecido como uma boa “sociedade”, mais poderosa e melhor, com identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência, ou seja, um modelo moral para os outros.

Dessa forma, em complementação aos estabelecidos, surge a percepção dos outsiders, os não membros da “boa sociedade”, pessoas unidas por laços sociais menos intensos. Os estabelecidos são um grupo, a minoria dos melhores e os outsiders não constituem um grupo social. Assim descreve-se a diferença e desigualdade social entre os dois.

Os estabelecidos fundavam sua distinção e poder em um princípio de antiguidade, encarnando a tradição e assim podemos observar as propriedades gerais de toda relação de poder, são identidades sociais, todos unidos por um laço de interdependência.

O pensamento elisiano mostra a singularidade de relações de poder quando das focas dos estabelecidos sobre os recém-chegados e os agentes sociais que contribuem para a naturalização das diferenças sociais e as formas de percebê-las.

O uso da força física, violência e assassinato são virtualidades de toda relação estabelecidos e outsiders como por exemplo, o mundo das relações raciais e de gênero. Observa-se assim, as relações existentes entre a experiência social de um indivíduo e a dimensão nacional da vida social. São processos sociais de alcance geral na sociedade humana.

No grupo estabelecido era atribuído aos seus membros características humanas superiores ao passo que todos os membros do outro grupo eram excluídos do contato social não profissional que através dos meios de controle social mantinham o tabu.

As configurações homossexuais podem ser observadas no modelo de uma figuração estabelecidos-outsideers para melhor compreender as características estruturais que tem em comum, ou seja, os antigos residentes (sociedade tradicional patriarcal) e os recém-chegados (homossexuais), superioridade grupal e desprezo grupal.

Os outsiders estigmatizados e excluídos pelo grupo estabelecido contribuiu para preservar a identidade e superioridade dos estabelecidos, é do diferencial de poder entre os grupos inter-relacionados. Aqui, a coesão contribui para o excedente de poder excluindo dessas posições os membros dos outros grupos, tal é a figuração estabelecidos – outsiders.

A natureza da fonte de poder pode variar muito com características comuns e constantes na figuração estabelecidos – outsiders.

Elias (2000) destaca que o conceito de uma relação entre estabelecidos e outsiders veio preencher uma lacuna que impedia de perceber a unidade estrutural comum e as variações desse tipo de relação e como explicá-las.

Para identificar as constantes estruturais nas relações entre estabelecidos e outsiders é que o grupo estabelecido, tende a atribuir ao conjunto do grupo outsiders, as características “ruins” de sua porção “pior” – minoria anômica (estado de falta de objetivos, e regras e de perda de identidade, provocado pelas intensas transformações ocorrentes no mundo social moderno), ao contrário dos estabelecidos nômico ou normativo na minoria de seus “melhores” membros. Há sempre um fato a provar que o próprio grupo é “bom” e o outro é “ruim”.

A função de uma figuração específica entre dois grupos se dá quando um grupo afixa em outro um rótulo de inferioridade humana.

Elias (2000) afirma que é comum não se distinguir a estigmatização grupal e o preconceito individual e não relacioná-las entre si.

Dessa forma, um grupo estigmatiza outro grupo não por suas qualidades individuais como pessoas mas por elas pertencerem a um grupo coletivamente considerado diferente e inferior ao próprio grupo. Tal problema costuma ser discutido como “preconceito social”, quando da estrutura de personalidade dos indivíduos. Ao passo que, torna-se necessário considerar a figuração formada por dois ou mais grupos implicados, porque Elias (2000) a peça central dessa figuração é um equilíbrio instável de poder com as tensões que lhe são inerentes.

A condição outsiders – estabelecidos, é a tal figuração, onde, o grupo estigmatizado é excluído. O rótulo de “valor humano inferior” a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores na disputa de poder. A questão não é saber qual dos lados está certo, mas sim, quais características estruturais ligam os dois grupos de forma que os membros de um dos grupos trata os de outro grupo coletivamente com desprezo.

O grupo que estabelece para si um estilo de vida comum e um conjunto de normas, os recém-chegados são recebidos como uma ameaça ao estilo de vida já estabelecido e assim se fixa a (In) tolerância contra a população LGBT.

A barreira emocional Elias (2000) afetiva responde pela rigidez, amiúde extrema, da atitude dos grupos estabelecidos para com o outsiders – pela perpetuação do tabu contra o contato mais estreito com os outsiders.

Os outsiders são vistos como (ELIAS, 2000, p. 26):

coletiva e individualmente – como anômicos. O contato mais íntimo com eles, portanto, é sentido como desagradável. Eles põem em risco as defesas profundamente arraigadas do grupo estabelecido contra o desrespeito às normas e tabus coletivos, de cuja observância dependem o status de cada um dos seus semelhantes no grupo estabelecido e seu respeito próprio, seu orgulho e sua identidade como membro do grupo superior. Entre os já estabelecidos, cerrar fileiras certamente tem a função social de preservar a superioridade de poder do grupo. Ao mesmo tempo, a evitação de qualquer contato social mais estreito com os membros do grupo outsider tem todas as características emocionais do que, num outro contexto, aprendeu-se a chamar de “medo da poluição”. Como os outsiders são tidos como anômicos, o contato íntimo com eles faz pairar sobre os membros do grupo estabelecido a ameaça

de uma “infecção anômica”: esses membros podem ficar sob a suspeita de estarem rompendo as normas e tabus de seu grupo; a rigor, estariam rompendo essas normas pela simples associação com membros do grupo rebaixado dentro do grupo estabelecido. Ele pode perder a consideração dos membros deste – talvez não mais pareça compartilhar do valor humano superior que os estabelecidos atribuem a si mesmos.

Implicações de inferioridade e desonra com frequência os nomes dos grupos em situação de outsiders trazem para si surtindo um efeito paralisante. O poder de ferir depende da consciência que tenham o usuário e o destinatário. É possível envergonhar o membro de um grupo outsider por não ficar à altura das normas do grupo superior.

Outsiders são vistos pelo grupo estabelecido como indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros e até mesmo não sendo particularmente limpos, referindo-se a contaminação pela sujeira. Os grupos estabelecidos veem seu poder superior como um sinal de valor humano mais elevado. Os grupos outsiders, quando o diferencial de poder é grande, e a submissão inelutável, vivencial afetivamente sua inferioridade humana.

Quando em estágios precoces da sociedade (ELIAS, 1998, p. 9):

fez-se senti a necessidade de situar os acontecimentos e de avaliar a duração de alguns processos no âmago do devir, adquiriu-se o hábito de escolher como norma um certo tipo de processos físicos limitando-se aos fenômenos naturais, únicos, como tudo o que decorre do devir. Mas seu reaparecimento posterior conformava-se a um modelo semelhante, quando não idêntico. Essas sequencias recorrentes, como o ritmo das marés, os batimentos do pulso ou o nascer e pôr-do-sol, ou da lua, foram utilizadas para harmonizar as atividades dos homens e para adaptá-las a processos que lhes eram externos, da mesma maneira que foram adaptadas, em estágios posteriores, aos símbolos que se repetem no mostrador de nossos relógios.

Assim como a identidade sexual é dinâmica, a abordagem de uma figuração estabelecidos – outsiders como um tipo de relação estática é uma etapa preparatória. Problemas confrontados se evidenciam quando se considera que o equilíbrio de poder entre os grupos é mutável e compõe um modelo que mostra, pelo menos em linhas gerais, os problemas humanos inerentes a essa mudança.

A ascensão e declínio dos grupos ao longo do tempo ainda é obscura e complexa. Estabelecidos que se tornam outsiders ou desaparecem por completo

como grupos e dos representantes dos grupos de outsiders que passam a fazer parte de um novo estabelecido a integrar uma posição que antes lhes era negada, ou que conforme o caso são paralisados pela opressão.

Obscuro é também o rumo das mudanças no longo prazo, como o da passagem de disputas pelo poder restritas ao âmbito local, entre uma grande multidão de unidades sociais relativamente pequenas, para as disputas entre um número cada vez menor de unidades sociais cada vez maiores.

O que vem a bloquear as longas sequências de desenvolvimento das sociedades e de seu caráter direcional é a preocupação com os problemas existentes no curto prazo e a concepção do desenvolvimento das sociedades no longo prazo, como um prelúdio histórico não estruturado do presente. É um bloqueio da compreensão dos processos no longo prazo, uma crença consoladora de que os seres humanos, não apenas como indivíduos, mas como grupos, normalmente agem de maneira racional. E isso conserva uma intensa força na percepção das relações intergrupais.

Os novatos são intrusos aos quais se pretende manter distância. Daí o papel da dimensão temporal. Os estabelecidos atravessaram juntos um processo grupal, do passado para o futuro através do presente e isso deu-lhes um estoque de lembranças, apegos e aversões comuns e levando em conta essa dimensão grupal diacrônica, compreende-se a lógica e o sentido do pronome pessoal “nós”. Tinham sua própria hierarquia interna e sua ordem de precedência, cada um com sua posição fixada nessa escala hierárquica conhecidos por todos que pertenciam ao grupo. No entanto, conhecidos somente no nível da prática social.

Os membros do grupo estabelecido eram capazes de transmitir a avaliação que faziam de suas respectivas posições na ordem hierárquica interna do grupo cara a cara através de atitudes e conversas sobre pessoas ausentes através de pequenas expressões simbólicas e da inflexão da voz.

Os outsiders, que percebem os estabelecidos como pessoas iguais a eles, nunca entendem muito bem as razões de uma exclusão e uma estigmatização e apenas explicados em termos de sentimentos imediatos da sensação de pertencer a uma parte superior.

Observa-se que, Elias (2000) é sintomático do alto grau de controle que um grupo coeso é capaz de exercer sobre seus membros que tivessem quebrado o tabu grupal contra o contato pessoal não profissional com membros outsiders.

Os membros do grupo de alto grau de coesão são profundamente influenciados com a opinião interna, como uma força reguladora de sentimentos e conduta. Esse efeito é explícito quando reserva monopolicamente para seus membros o acesso recompensador aos instrumentos de poder e ao carisma coletivo. E quando o diferencial de poder de um membro diminui, e o comportamento e sentimento contrariam a opinião grupal, voltam-se contra tal membro. Essa luta é sempre um traço dos grupos coesos, ou seja, o rebaixamento da posição de um membro dentro da ordem hierárquica interna do grupo, deixando o membro sujeito aos boatos depreciativos.

Assim, a aprovação da opinião grupal, requer obediência às normas grupais e a punição pelo desvio e até a suspeita de tal desvio, é perda de poder e rebaixamento do status.

Em se tratando da identidade homossexual, o impacto da opinião interna do grupo em cada um de seus membros vai além disso, porque a opinião grupal tem a função e o caráter de consciência da própria pessoa e essa consciência é formada no processo grupal a qual pertence ligada invisivelmente. Desta forma, a autoimagem e a autoestima de um indivíduo estão ligados ao que os outros membros do grupo pensam dele e isso só se rompe se o senso de realidade for perdido, a capacidade de distinguir entre o que acontece nas fantasias e o que acontece independentemente delas.

Hoje em dia tem-se a visão de que um indivíduo mentalmente sadio pode tornar-se totalmente independente da opinião do “nós” e ser autônomo, o que pode ser tão enganosa quanto a visão inversa que afirma que a autonomia dele pode desaparecer por completo. A elasticidade dos vínculos une a autorregulação da pessoa às pressões reguladoras do “nós”. A relação entre as funções reguladoras sociais e psicológicas nos diferentes estágios do processo grupal, é o chamado “desenvolvimento social”.

Logo, (ELIAS, 2000, p. 41):

a maneira como a autorregulação dos membros de um grupo estabelecido muito coeso está ligada à opinião interna que esse grupo faz em si, tornando a susceptibilidade desses indivíduos à pressão do “nós”. Em tempos passados, o impacto que a crença de um grupo e virtudes exclusivas tinham na autorregulação dos sentimentos e da conduta de cada um de seus membros em relação aos outsiders mostrava-se mais visivelmente nos grupos dominados por ordens clericais.

Desta forma, o autocontrole individual e a opinião grupal estão articulados entre si pois é capacidade especificamente humana de aprender e controlar e até certo ponto, moldar os impulsos libidinais maleáveis nas experiências vividas dentro das normas grupais. Assim, os processos grupais da relação pai-mãe-filho tem influencia determinante na moldagem das pulsões elementares e na formação das funções de autocontrole da pessoa na primeira infância e a partir daí, funcionarem sozinhas independente dos processos grupais em que toda pessoa continua envolvida.

A discrepância entre a situação real e a situação imaginária do grupo, pode acarretar uma avaliação errônea dos instrumentos de poder de que ele dispõe e sugerir uma estratégia coletiva de busca de uma imagem fantasiosa da própria grandeza, capaz de levar a autodestruição e destruição de outros grupos interdependentes. Extrai-se então a compreensão da dinâmica das figurações estabelecidos-outsiders e os problemas implícitos na mudança de posição dos grupos em relação uns aos outros.

A (in) tolerância contra os LGBTs merece ser alvo de reflexão do pensamento eliasiano para ser melhor compreendida e aceita e quebrar tabus concernente à identidade homossexual, acarretando pacificação entre os indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz-se necessário debater sobre a questão da (In) tolerância contra os LGBTs, haja vista que não se objetiva encerrar tal problemática. No entanto, sugerir estratégias de enfrentamento.

Transcender as barreiras da heteronormatividade e elucidar o reconhecimento da homossexualidade pode tornar pacificador a interatividade entre os grupos.

Ainda visualiza-se o estigma, o preconceito e a discriminação devido às raízes históricas da sociedade patriarcal.

Tratar sobre os direitos homossexuais sem o conservadorismo social e como Estado laico, traz o reconhecimento das diferenças por Políticas Públicas e abre o leque para o processo de igualdade.

Mesmo que em nossa sociedade ainda seja um desafio a discussão de gênero, devido ao extremismo, falar da homossexualidade como condição humana é

acolher e não julgar, condenar e descartar. Todos são iguais perante a lei e seus direitos.

O norteamento é para que políticas inclusivas sejam destacadas, vislumbradas pela sociedade civil e alocadas para reconhecimento de todos e a cerca da homossexualidade sem exclusões sociais.

O medo da intolerância deve ser descartada e circunscrito em nova ordem social que traga os aportes da legislação dos direitos sociais e garantias fundamentais.

Faz-se necessário sair do ostracismo gerado pelo medo da rejeição, do preconceito e discriminação.

O reconhecimento das diferenças pela abordagem sobre a homossexualidade retira a sociedade da hipnose preconceituosa pois a compreensão abre caminho para a aceitação.

Os avanços sobre o enfrentamento da intolerância contra os LGBTs é moroso porém constante, haja vista o movimento de grupos em todo o mundo concernente à homossexualidade, alerta sobre a homofobia entre outros.

É preciso derrubar as barreiras da invisibilidade da identidade homoafetiva, do conservadorismo tradicional.

O reconhecimento jurídico da união homossexual trouxe reflexão de que, basta de intolerância.

Nas palavras de Boaventura Santos, temos o direito a igualdade quando a diferença de alguma forma nos inferioriza, poderemos ser diferentes se a igualdade descaracterizar o que nos faz ser diferentes.

A heteronormatividade em suas faces de poder e submissão, elencam seus caracteres nas uniões afetivo-sexuais entre os iguais biológicos, o que aponta não apenas a necessidade de políticas públicas que contemplem o universo populacional dos casais homossexuais, mas também o preparo dos profissionais que fazem parte da rede de atendimento e proteção.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Lidiany de Lima. **Cidadania Homossexual em Manaus**: os desafios na (des) construção da identidade homoafetivas feminina. 2009. 162 f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia. Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2009.

ELIAS, Norbert ; SCOTSON, John L. **Estabelecidos e os Outsiders**: a sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. **Sobe o Tempo**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.